



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

PLATÃO E A QUESTÃO DA MEMÓRIA: UMA LEITURA RICOEURNIANA

Elton Moreira Quadros^{§§}
(UESB)

RESUMO

Apresentamos a perspectiva de Platão sobre a questão da memória, recorrendo à concepção interpretativa de Paul Ricoeur. Dois pontos são abordados de maneira mais explícita: a relação entre memória e conhecimento e a importância do tempo para a compreensão da própria memória. Nesse sentido, a busca pela origem da visão grega da memória, poderá nos fazer reinaugurar novas perspectivas para a compreensão da memória atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: conhecimento, imaginação, memória.

INTRODUÇÃO

Ricoeur, tem como primeira tarefa, ao proceder a investigação sobre a memória, enfrentar a distinção entre memória e imaginação. Por isso, realiza uma retomada dessa problemática na sua origem grega e, por isso, como seria de esperar, estamos lançados em uma discussão para o pensamento Platão que apresenta uma visão em que memória e imaginação podem confundir-se.

Nesta apresentação, pretendemos expor a questão da memória por meio da leitura de Ricoeur da obra de Platão, identificando, assim, os pontos que na contemporaneidade ainda fazem do pensamento desse autor grego, um marco para os estudos de memória.

^{§§}É doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Bolsista Fapesb. eltonquadros@yahoo.com.br.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A QUESTÃO DA MEMÓRIA NA SUA ORIGEM GREGA

Como apresenta Frances Amelia Yates, em *A arte da memória*, acredita-se que o pré-socrático Simônides de Ceos (cc 556-468), poeta e sofista famoso em seu tempo, foi o “inventor” da memória – na verdade, ele parece ter compilado de alguma forma técnicas antigas e que vinham sendo ensinadas de maneira oral até então. No geral, o que Simônides apresenta é um conjunto de pequenas técnicas para a memorização. Mas, como sabemos, não temos o texto do pré-socrático, somente conhecemos o testemunho de alguns autores (Cícero, Quintiliano, Plínio, entre outros) sobre essa provável invenção da “memória para as coisas, memória para palavras (nomes)! Aqui estão os termos técnicos para os dois tipos de memória artificial já em uso em 400 a. C.” (YATES, 2007, p. 50). A proposta de Simônides poderia ser resumida nos seguintes passos:

A recordação mnemônica requer 1. a lembrança e a criação de *imagens* na memória; 2. a organização das imagens em locais, ou lugares da memória. Como poeta e pintor, Simônides trabalha articuladamente os métodos da poesia e da pintura: pintura é poesia silenciosa; poesia é pintura que fala. Tanto para a poesia como para a pintura, e também para a arte da memória, é dada importância excepcional à visualização intensa. É preciso ver *locais*, ver *imagens* (SMOLKA, 2000, p. 170).

Isso nos leva a perceber, inicialmente, pelo menos no pensamento grego, qual é o nosso objeto de interesse no momento, visto que a memória aparece mais como uma técnica, uma mnemônica, muito ligada à noção de imagem. Tanto é assim que os sofistas desenvolvem uma metodologia para guardar diversas lembranças, e o desenvolvimento dessa memória artificial constitui, inclusive, um grande atrativo do método sofístico e que será rejeitado em seu todo por Platão. Yates (2007, p. 51) reproduz um fragmento diretamente do *Dialexeis* (ca. 400 a. C.), um tratado sofístico anônimo que contém um elogio à memória em suas palavras

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

iniciais: “uma bela e grande invenção é a memória, sempre útil para o aprendizado e a vida”. Percebemos, portanto, o caráter utilitário da memória como compreendida dentro da perspectiva sofística em seus inícios.

PLATÃO E A QUESTÃO DA MEMÓRIA

Essa memória caracteristicamente técnica ficará mais conhecida pela passagem do *Teeteto*, em que Platão expõe a ideia de que há um

[...] bloco de cera em nossas almas – de diferentes qualidades, de acordo com os indivíduos – e isso é ‘o dom da Memória, a mãe das Musas’. Quando vemos, ouvimos ou pensamos em algo, submetemos essa cera às percepções e aos pensamentos, e os imprimimos nela, assim como imprimimos com sinetes (YATES, 2007, p. 57).

Ricoeur chama a atenção para o fato da perspectiva platônica advogar que a memória seria a “representação presente de uma coisa ausente” e, assim, colocaria a problemática da memória no campo da imaginação ou, pelo menos, deixaria um espaço para o embaralhamento das duas.

Platão, no contexto da discussão sobre a sofística propriamente dita ou da possibilidade ontológica do erro (o falar falso), inserirá a noção de *eikôn*. Essa pode vir sozinha ou acompanhada de outra noção importante: *phantasma*:

É assim que a imagem, mas também a memória, por implicação, trazem, desde a origem, o cunho da suspeita, por causa do ambiente filosófico de seu exame. Como, pergunta Sócrates, é possível existir o sofista, e com ele, o falar falso, e finalmente o não-ser implicado pelo não-verdadeiro? (RICOEUR, 2010, p. 27).

Ou seja, Platão refletirá sobre a memória como consequência de uma ponderação que também se interroga sobre a verdade, sobre o ético e sobre o erro.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Isso nos coloca em um horizonte distinto, para além da redução da memória às técnicas de memorização preconizadas pela sofística, pois, quando saímos desse âmbito, o pensar sobre a memória passa por uma perspectiva muito mais ampla que põe em cheque o próprio sentido do humano, quer em seu olhar sobre o mundo, quer no voltar-se para si mesmo e para o outro. A memória não constitui somente uma técnica, mas, especialmente, um reconhecer-se e um posicionar-se sobre as questões da realidade mesma.

Ao analisarmos as ideias de Platão acerca da memória, deparamo-nos novamente com o conhecido argumento do bloco de cera:

[...] a problemática da *eikôn* é, além disso, associada, desde o início, à impressão, à *tupos*, sob o signo da *metáfor* do bloco de cera, sendo o erro comparado a um apagamento das marcas, das *sêmeia*, ou a um equívoco semelhante àquele de alguém que pusesse os pés na pegada errada (RICOEUR, 2010, p. 27).

Com isso, temos introduzido o problema também do esquecimento, já que este se encontra associado ao apagamento ou ao desajuste entre a imagem atual e a impressão anteriormente deixada pelo anel de cera. Mas, agora, vamos diretamente ao texto platônico para entendermos melhor essa relação.

No *Teeteto*, Platão está especialmente interessado em discutir a questão do conhecimento, mais especificamente, tenta responder à pergunta: o que é o conhecimento? Portanto, estamos no cerne de uma reflexão epistemológica. Tendo isso em vista, a parte que nos interessa dessa reflexão platônica tem início no momento em que a discussão que acontece no diálogo se detém sobre a lembrança em relação ao conhecimento. Diz o mestre de Platão, agora como personagem do diálogo de seu discípulo:

É algo semelhante ao seguinte, ou seja, supõe que alguém perguntasse: “Se uma pessoa numa ocasião passou a conhecer uma determinada coisa e permanece preservando sua lembrança,



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

seria possível que, no momento em que dela se lembrasse não conhecesse essa coisa de que está lembrando?” Mas receio estar sendo prolixo. Quero simplesmente perguntar o seguinte: Pode um indivíduo que aprendeu algo não o conhecer ao lembrá-lo? (PLATÃO, 2007, p. 76).

Sócrates continua suas indagações, considerando que, ao ver algo, uma pessoa adquire conhecimento sobre aquele algo visto e, portanto, somos levados com Teeteto, o interlocutor de Sócrates neste diálogo, a considerar que existe a memória, uma vez que, ao termos conhecimento de algo, fica marcado em nós esse conhecimento. Tanto que sabemos que se há memória, ela é sempre de alguma coisa que a pessoa aprendeu ou percebeu.

Neste ponto, Sócrates irá distinguir conhecimento de sensação. Com isso, Platão pretende evidenciar que a lembrança de algo conhecido está num patamar distinto, tanto da imagem, quanto da sensação pura e simples. Por essa razão, ao retomar uma hipotética argumentação do sofista Protágoras, que seria o mestre de seus interlocutores no diálogo *Teeteto*, Sócrates ousa dizer que o finado sofista argumentaria da seguinte maneira: “Supões que levarias alguém a admitir que a lembrança que um indivíduo tem de um sentimento experimentado no passado, e que não experimenta mais, é algo semelhante ao sentimento na ocasião em que o experimentou? Longe disso”. (PLATÃO, 2007, p. 81). Aqui, retornamos a Ricoeur para entender melhor o significado dessa pergunta que, para o filósofo francês, é insidiosa, na verdade, uma cilada, na medida em que parece que o argumento, ao recorrer ao similar, à similitude (da lembrança e do sentimento atual e passado), não resolve a questão que colocamos desde o início, ou seja, para Platão a memória constitui uma presença de uma ausência. A similitude não distingue memória de imaginação, uma vez que as duas estão no mesmo patamar quando colocadas frente à presença de uma imagem (passada ou não). Por isso, o raciocínio de Protágoras esboçado por Sócrates parece nos levar a uma aporia, qual seja: “a



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

aporia da lembrança, ou seja, da presença do ausente, na erística*** do não-saber (presente) do saber (passado).” (RICOEUR, 2007, p. 28).

Platão expõe uma breve teoria da alma, no caso desse diálogo, tendo em vista a questão do conhecimento e, por isso, acredita ele que há uma espécie de imagem da alma, porque ela, ao pensar, estabelece um diálogo interior em que “dirige a si mesma perguntas e as responde ela mesma, afirmando ou negando” (PLATÃO, 2007, p. 120), chegando assim à posse de sua opinião. Logo, afirma ainda Platão, por meio de Sócrates, “defino a formação da opinião como o diálogo e a opinião, como o diálogo já realizado não com o outro, nem tampouco em voz alta, mas silenciosamente consigo mesmo” (PLATÃO, 2007, p. 120). Percebemos que mesmo em Platão a noção da subjetividade na formação do conhecimento e, por consequência, da memória aparece brevemente anunciada, portanto, o surgimento do argumento da cera consiste no resultado dessa compreensão.

Platão não acredita que uma pessoa, em seu juízo perfeito, tentaria persuadir-se de um engano, algo como dizer que “um boi é necessariamente um cavalo ou que dois é um”. Daí a opinião ser formada, para o autor do *Banquete*, por um autodiálogo que tem a firme intenção, na sua normalidade, de realizar um juízo verdadeiro sobre as coisas conhecidas. A necessidade de validar o argumento de que é possível conhecer, conhecer verdadeiramente, que é possível distinguir as coisas, ganha nessa quase descrição da alma – que só poderia realizar esse autodiálogo na medida em que há algo que vem antes –, algo em que pode “segurar”, fixar-se. Platão lança mão da suposição “a favor do argumento – que há um bloco de cera em nossas almas, num caso maior, em outro menor; num caso, cera mais pura, em outro, cera mais impura e mais dura; em outros casos, mais mole; e, em alguns casos, da qualidade adequada” (PLATÃO, 2007, p. 122). Cada tipo de cera conforma-se com um tipo de lembrança, ou melhor, dependendo das

*** A erística consiste numa técnica argumentativa em que objetiva vencer o debate prescindindo da verdade. Esse método provém, inicialmente, dos ensinamentos sofisticos.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

intensidades, da marca ou do tipo de cera envolvida, teremos um grau distinto de veracidade, duração, certeza.

Fica clara a engenhosidade desse argumento platônico, uma vez que essa imagem da alma como bloco de cera garante e justifica a existência e variação da memória, não só pelo lado dos graus distintos de memória, uma vez que dependem do tipo de cera, mas, também, por ser uma dádiva que garante o conhecimento:

Digamos, então, que isso é uma dádiva de *Mnemosine*, a mãe das Musas, e que toda vez que desejamos nos lembrar de qualquer coisa que vemos, ouvimos ou concebemos em nossas próprias inteligências colocamos essa cera sob as percepções e pensamentos e os imprimimos nela, tal como produzimos impressões de anéis de sinete; e, seja o que for que é impresso, nós o lembramos e o conhecemos enquanto durar sua imagem, ao passo que tudo o que for apagado ou que não for possível imprimir esquecemos e não conhecemos (PLATÃO, 2007, p. 123).

Ricoeur não perde de vista que, na problemática exposta por Platão, memória e esquecimento estão conjugados. Se a memória está associada como uma luta contra o esquecimento na mnemotécnica de Simônides de Ceos, em Platão, essa relação se consolida.

Entretanto, voltando ao *Teeteto*, e tratando da questão especificamente do conhecimento, porém, em conexão com a memória, para Platão, seria necessário conservar a correta lembrança daquilo que foi conhecido – o filósofo ateniense não faz em nenhum momento uma referência ao tempo, mesmo que esteja implícito, mas, como justifica Ricoeur, isso se dá por conta de que:

[...] [ele] não é pertinente no âmbito de uma teoria epistêmica que tem por aposta o estatuto da opinião falsa, portanto do julgamento, não da memória como tal. Sua força está em englobar em toda a sua extensão, pelo viés de uma fenomenologia da confusão, a aporia da presença da ausência (RICOEUR, 2007, p. 29).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Caminhando, ainda, nessa linha tênue entre a problemática do conhecimento e da memória, essa “fenomenologia da confusão” se dá, especialmente, por conta de um “ajustamento defeituoso” entre duas figuras, entre aquilo que conhecemos e aquilo de que lembramos, afinal de contas, a lembrança precisa ser apreendida como o conhecimento e, somente assim, poder-se-ia falar, platonicamente, de um conhecimento verdadeiro oposto à mera opinião ou ao homem como medida do conhecimento como exposto por Protágoras e discutido no diálogo em questão.

Ademais, não se pode perder de vista que, além do ajustamento defeituoso, outras hipóteses também podem ser elencadas, como: captura equivocada ou falaciosa, confusão simples ou complexa, equívocos etc.. Acompanhem, mais uma vez, as palavras de Sócrates escritas por Platão, que considera o conhecimento como uma caça e tem em vista o exemplo de um aritmético:

Contudo, afirmamos que *possuir* conhecimento é algo distinto de *ter* conhecimento; em consonância com isso, sustentamos ser impossível para qualquer pessoa não possuir aquilo que possui, de sorte que jamais acontece de um indivíduo não conhecer o que conhece, embora seja possível conceber uma opinião falsa a respeito disso. De fato, é possível para ele *ter* não o conhecimento dessa coisa, mas um outro conhecimento. Quando está caçando um tipo de conhecimento pode ocorrer, à medida que os vários tipos mudam de direção, de cometer um erro e apanhar um tipo em lugar de outro; conseqüentemente, num exemplo, pensava que onze era doze porque apanhou o conhecimento do onze, o qual estava no seu interior, em lugar daquele do doze, como podes apanhar um pombo trocáz em lugar de uma pomba (PLATÃO, 2007, pp. 134-135).

Nesse ajuntamento de possíveis equívocos que o conhecimento pode encontrar no caminho da verdade, segundo a perspectiva de Platão, acredita Ricoeur que se perde de vista o “destino da *eikōn*”. E será no diálogo *O Sofista* de Platão que encontraremos o caminho de volta para essa questão.

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Na esteira da “presença da ausência”, como apontado no *Teeteto*, voltamos a nos deter no momento da rememoração, nesse momento que pode ser considerado como reconhecimento de uma impressão e, ao mesmo tempo, esse instante se encontra em um mesmo paradoxo, ou seja, ele pode ser a rememoração real ou uma autofalsificação (não intencional) de uma lembrança.

Platão, portanto, distingue duas formas de produção de cópias, uma que produz as semelhanças (imitação), mais comum na pintura, por exemplo, e outra que provém da imaginação (aparência) e essa mais relacionada com a linguagem: “Estamos, meu caro amigo, realmente empenhados numa investigação muito difícil, pois a matéria de aparecer e parecer, mas não ser, e de dizer coisas, mas não verdadeiras – tudo isso é agora, como o foi sempre, motivo de muita perplexidade” (PLATÃO, 2007, p. 190)

No *Sofista*, encontraremos Platão a refletir sobre a questão da sofística como arte da ilusão e, com isso, retomamos um termo caro ao filósofo grego, que é a questão da imitação. Se o chamado Mundo dos Sentidos é uma cópia, imitação do Mundo das Idéias (formas perfeitas), os discursos sofísticos e a arte são imitações, homônimos dos seres. Essas imitações podem levar, segundo Platão, ao engano (PLATÃO, 2007, pp. 186-187), quer por meio da imitação de objetos e da pintura, que podem ser considerados “verdadeiros”, quer pelos discursos, que são capazes de fazer com que aquilo que é dito pareça verídico: “ficou claro que ele é (o sofista) uma espécie de prestidigitador, um imitador de coisas reais” (p. 187).

Neste ponto, temos uma retomada do problema anteriormente abordado da possibilidade do conhecimento: se, antes, a memória entrava como passível de erro, de equívoco, aqui já estamos no reino da imitação, em alguma medida, do risco mesmo do engano premeditado dos sofistas.

Após abordar alguns outros desenvolvimentos da questão da imitação, Ricoeur retoma o pensamento de Platão para evidenciar as diferentes etapas e problemáticas a que chega o autor do *Sofista*:

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A primeira diz respeito à ausência (observada de passagem) de referência expressa à marca distintiva da memória, isto é, à anterioridade das “marcas”, das sêmeia, nas quais se significam as afecções do corpo e da alma às quais a lembrança está ligada. É verdade que, muitas vezes, os tempos verbais do passado são distintamente enunciados; mas nenhuma reflexão distinta é dedicada a esses dêiticos incontestáveis. (...)

A segunda dificuldade diz respeito ao tipo de relação que existe entre a eikōn e a marca primeira, como está esboçado no âmbito das artes de imitação” (RICOEUR, 2010, p. 31)

Não podemos perder de vista que, conforme Platão, o caráter veritativo da memória é imprescindível para a própria validade do conhecimento. Daí a insistência em provar, a partir do discurso imitativo falso, que existe um discurso verdadeiro que é possível elevar a um estatuto epistemológico veraz.

Agora, é preciso afrontar um problema que é colocado no *Sofista*, ou seja, em que medida poderia a “relação com o passado ser apenas uma variedade de *mimêsis*?” (RICOEUR, 2010, p. 32). Outra pergunta possível também é em que medida “a problemática da similitude não constitui um obstáculo dirimente ao reconhecimento dos traços específicos que distinguem a memória da imaginação”? Apesar de reconhecer esses problemas, Ricoeur sabe que eles acompanharão o pensamento platônico sobre a questão da memória e, à vista disso, os desenvolvimentos trazidos por Aristóteles, que não apresentaremos aqui, darão uma ideia mais clara do que constitui realmente a memória e sua relação com o tempo.

Platão, ao refletir sobre a *eikōn* (marca), coloca-a como uma relação anterior à semelhança que pode existir em um discurso ou obra artística com a realidade. A arte mimética, portanto, estaria subordinada temporalmente à marca que um conhecimento (lembrável) pode causar, “Ou, em outras palavras, há mimética verídica ou mentirosa porque há, entre a eikōn e a impressão, uma



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

dialética de acomodação, de harmonização, de ajustamento que pode ser bem sucedida ou fracassar” (RICOEUR, 2010, p. 32).

Destarte, precisaremos, acompanhando os passos de Platão pela lente de Ricoeur, nos aproximar de mais um diálogo do filósofo grego, dessa vez, o *Filebo*, esperamos encontrar mais algumas pistas da concepção platônica sobre a memória e, também, sobre a perspectiva ricoeuriana sobre a importância de analisar o pensamento do discípulo de Sócrates para compreendermos os limites de uma visão da memória que não se detém na questão do tempo. Esse ponto torna-se ainda mais importante quando temos em vista a questão da subjetividade, ponto fundamental para a análise ricoeuriana da perspectiva platônica e aristotélica, uma vez que o passado, presente e futuro estão intimamente ligados na constituição da pessoa quer do *Eu*, quer da sua relação com o *Outro*.

Platão, novamente, depara-se com a questão da opinião que pode ser falsa ou verdadeira; o pano de fundo da discussão agora é o prazer ou a dor. Para a “personagem” Sócrates do diálogo, prazer e dor sempre acompanham as opiniões e “não é a partir da memória e da percepção que chega a nós a opinião bem como a capacidade de formá-la?” (PLATÃO, 2009, p. 225), interroga o mestre de Platão.

Prosseguindo o diálogo, temos a questão do discernimento de um objeto visto à distância, mas sabemos que não é necessariamente este o ponto de Platão, uma vez que dos objetos como uma árvore ou uma pedra, chega logo o filósofo a falar do homem, por conta de demonstrar que o processo de discernimento da opinião sobre os objetos sempre passa por uma “luta interior”, por isso, pensa Sócrates que a alma é como um livro e a memória constitui um elemento fundamental desse livro:

A memória se liga às percepções, e somadas aos sentimentos que lhes estão associados parecem, por assim dizer, escrever palavras em nossas almas; quando o sentimento em pauta escreve a verdade, o resultado é a produção em nós de opiniões e asserções

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

verdadeiras. Contudo, se o escriba em nosso interior escreve falsidades, opiniões e asserções resultantes serão o oposto do verdadeiro (PLATÃO, 2009, p.226).

Se a memória é como um escriba no interior da alma, existe lá, também, um pintor “que pinta quadros em nossas almas à guisa de ilustração das palavras do escriba” e que executa essa ação quando “alguém recebe diretamente da visão ou de algum outro sentido as opiniões e asserções” e, quando as imagens são contempladas dentro da própria mente, pode-se constatar que “as imagens das opiniões verdadeiras são verdadeiras, ao passo que as das opiniões falsas são falsas” (PLATÃO, 2009, p. 227).

Analisando essa passagem, Ricoeur acredita que é possível considerar que “isso ocorre graças a uma separação operada entre, de um lado, as opiniões e os discursos que acompanham a sensação e, de outro, ‘as imagens das coisas assim pensadas ou formuladas’” (RICOEUR, 2010, p. 33). No *Fedro*, Platão faz uma distinção entre essa marca originária e “as marcas externas sobre as quais se estabelecem os discursos escritos” (p. 33). Por isso, essa marca que está inscrita na alma e é chamada por Ricoeur de “impressão-afecção” apresenta uma problemática: por um lado, como ela é preservada e “rememorada ou não?”; e, por outro lado, qual o grau de significação que ela mantém com os acontecimentos marcantes?

Além das duas questões acima e do tempo, a memória, segundo Platão, apresenta ainda outra dificuldade conforme Ricoeur, isto é, como dimensionar a questão da impressão-afecção na alma com a questão corporal, até mesmo quando pensada hoje dentro das neurociências? Aqui, Ricoeur indica três formas de “rastro” com que essa forma estaria em relação: “o rastro escrito num suporte material, impressão-afecção ‘na alma’, impressão corporal, cerebral, cortical” (RICOEUR, 2010, p. 34). A ideia de uma impressão na alma não encontra guarida quando relacionada com essa tripla dimensão, inclusive “hoje já não é possível

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

eludir o problema das relações entre impressão cerebral e impressão vivida, entre conservação-estocagem e perseverança da afecção inicial” (RICOEUR, 2010, p. 34).

A perspectiva platônica sobre a memória encontra muitas aporias, no entanto, para Ricoeur, a que proporciona mais dificuldades é a falta de destaque à questão do tempo. Talvez por estar sempre posta em momentos que Platão discute o erro, o engano, a falsidade, a memória apresenta desde o início sob o véu da desconfiança, ou melhor, sobre “o cunho da suspeita” (p. 27).

Por isso, Ricoeur empenhar-se-á em demonstrar que há uma forma de distinção entre a memória e a imaginação que parece sempre estar implicada em.

No entanto, cabe ainda uma reflexão que está ainda no rastro platônico, sobre uma diferenciação comumente realizada, a de que existiria, como dados puros, uma “impressão cerebral” e uma “impressão vivida”, entre “conservação-estocagem” e “perseverança da afecção inicial” ou, em termos mais objetivos, entre “alma” e “corpo” (“matéria” e “espírito”). Ricoeur chama a atenção para essa distinção perigosa. Quando colocamos que há uma memória que está limitada a um dos lugares ou que está oposta na estrutura humana, parece que existe a afirmação de uma dualidade entre o “corpo-objeto” e o “corpo vivido”, algo como uma cisão interna no homem.

Ao pensarmos numa subjetividade que ultrapassa as dicotomias, como é o caso de Ricoeur, precisamos compreender que a memória não está também circunscrita a esse dualismo que aparece em Platão e é desenvolvido por pensadores modernos.

Acreditamos ser necessário uma nota explicativa nessa nossa reflexão, tendo em vista a memória em Platão, sobre não haver nenhuma referência ao diálogo *Mênon*, em que o filósofo grego apresenta uma teoria sobre a reminiscência por meio da lembrança de um objeto geométrico e também nenhuma referência sobre o Mito de Er presente no diálogo *República*, em que Platão conta o mito do



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

homem Er, que visita o habitat das almas, descobre como as ideias são conhecidas e esquecidas antes da nova encarnação desta alma.

O primeiro motivo de não termos analisado esses trechos da obra de Platão está no fato de que Ricoeur tem quase um silêncio sobre eles; em segundo lugar, desconfiamos que o filósofo francês encontra no conceito de marca/impressão a síntese desses dois outros momentos e não seria necessário retomar, ou melhor, repetir-se na análise do mesmo conceito em momentos distintos do pensamento de Platão; por fim, acreditamos, também, que Ricoeur, ao demonstrar as falhas do pensamento platônico sobre a memória, deseja dar o passo seguinte, caminho no qual nós o acompanharemos agora.

CONCLUSÕES

Se Platão não trata do tempo e deixa a memória quase que confundida com a imaginação e isso longe de esgotar as compreensões do que seja a memória, como o pensamento de Aristóteles demonstrará – tendo em vista essa divergência grega, Ricoeur dará passos adiante na sua reflexão sobre a memória.

Apesar disso, não podemos perder de vista que, nas bases dos atuais estudos de memória, impulsionados pelo pensamento de Ricoeur, encontramos as origens da problemática a respeito do tempo nesse embate platônico-aristotélico. Ao olharmos para o passado da questão, só temos a ganhar novos desenvolvimentos e, até mesmo, aberturas de perspectivas que indiquem um renovado interesse e aprofundamento na compreensão da memória, o que nos levará, em um momento posterior, a uma reflexão sobre a própria subjetividade e o quanto ela está em relação com a memória.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

REFERÊNCIAS

- PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. Diálogos I (Teeteto, Sofista e Protagóras). Bauru, SP: Edipro, 2007.
- _____. Diálogos IV (Parmênides, Político, Filebo e Lísias). Bauru, SP: Edipro, 2009.
- RICOEUR, Paul. Percurso do reconhecimento. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- _____. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. Educação & Sociedade, ano 21, n.71, p.166-193, jul. 2000.
- YATES, Frances Amelia. A arte da memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.